



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

Comunicação Oral

**ORALIDADE, MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA LITERATURA
NA ESCOLA¹**

***ORALITY AND MEDIATION OF INFORMATION AND LITERATURE AT
SCHOOL***

Sueli Bortolin, UEL
bortolin@uel.br

Luciane de Fátima Beckman Cavalcante, UEL
lucifbc@gmail.com

João Arlindo dos Santos Neto, UNESP – UEL
santosneto@uel.br

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, UNESP
ofaj@ofaj.com.br

Resumo: Oralidade e mediação são o norte desta pesquisa, que discute os processos mediacionais dos bibliotecários escolares em exercício. Apresenta uma discussão em relação à oralidade e a mediação da informação e da literatura no âmbito de trabalho dos bibliotecários de bibliotecas escolares do ensino fundamental e médio na cidade de Londrina/PR. Tem como objetivo conhecer a partir do discurso e da memória dos bibliotecários escolares da Cidade, como eles exercem suas práticas mediacionais. Realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, com abordagem qualitativa, sendo bibliográfica de início e posteriormente valendo-se de uma coleta de dados. Utiliza a metodologia colaborativa e a técnica de coleta de dados *grupo focal*, como método de análise dos dados a Análise de Conteúdo, mas especificamente a técnica da Análise Categorical. Como resultado apresenta a memória discursiva dos bibliotecários colaboradores quanto às práticas e os processos informacionais, especificamente, a mediação da informação e da literatura nas bibliotecas escolares. Conclui-se que utilizar o suporte oral para mediar a informação e a literatura é uma forma de efetivar as relações

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

humanas, seja ela entre crianças, adolescentes e adultos; isto não pode ser diferente no âmbito escolar, que é um ambiente ideal às apropriações intelectuais e emocionais, culturais e afetivas.

Palavras-chave: Oralidade. Mediação da Informação. Mediação da Literatura. Memória pessoal e institucional.

Abstract: Orality and mediation are north of this research, discussing the mediational processes of school librarians in office. Presents a discussion regarding oral and mediation of information and literature in the scope of work of school libraries librarians of elementary and high school in the city of Londrina/PR. It aims to know from speech and memory of school librarians City, as they perform their mediational practices. We conducted an exploratory research with a qualitative approach, and bibliographic start and then taking advantage of a data collection. Using collaborative methodology and the technique of data collection focus group as the method of analysis of the data content analysis, but specifically the technique of Category Analysis. As a result presents the discursive memory of employees librarians about the practices and information processes, specifically, mediation information and literature in school libraries. It concludes that using oral support to mediate information and literature is a way of effecting human relationships, whether among children, adolescents and adults; this can't be otherwise in schools, which is an ideal environment for intellectual and emotional, cultural and affective appropriations.

Keywords: Orality. Mediation of Information. Mediation of Literature. Personal and institutional memory.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado do Projeto de Pesquisa “A Oralidade na Mediação da Informação, da Literatura e da Memória”² desenvolvido no período de 2011 a 2014, pelo Grupo de Pesquisa “Interfaces: Informação e Conhecimento” credenciado ao CNPq, da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

No referido projeto focou-se uma temática ainda pouco abordada na área de Ciência da Informação (CI), isto é, a mediação da informação e da literatura por meio da oralidade, tendo como base a memória pessoal e institucional dos *bibliotecários em serviço*.

Foram pesquisadas as mediações dos bibliotecários escolares da cidade de Londrina/PR, a partir de seus fazeres cotidianos nos discursos explicitados em duas rodadas de *grupo focal*.

O projeto procurou além de abordar os conceitos de mediação oral e *oralisfera*, mediação da informação e da literatura, conhecer, propiciar e valorizar o resgate da memória pessoal, profissional e institucional dos bibliotecários *em exercício*. Sabendo que a oralidade e a mediação são fundamentais no cotidiano dos profissionais da informação, coube ao referido

² Constatam-se estudos de memória na área de CI em maior quantidade no campo da Museologia. Na Arquivologia existem pesquisas que também se atentam ao estudo da memória institucional e documental e na Biblioteconomia há pesquisadores que estudam a memória no âmbito social e mais recentemente no âmbito empresarial. Nesta pesquisa o foco é dirigido para a memória institucional.

Projeto conhecer, a partir do discurso e da memória dos bibliotecários escolares da Cidade, como eles exercem suas práticas mediacionais.

A justificativa da pesquisa é o surgimento, na área da Ciência da Informação, de interesse maior sobre a oralidade. Esse interesse é importante na medida em que questiona o objeto hegemonicamente aceito na área. Talvez essa oralidade tenha impulsionado uma “nova oralidade”, de caráter somatório e não substituível influenciada pelo uso de suportes eletrônicos e pelas tecnologias móveis. Outro fator que fundamenta este estudo é o de que, mesmo as questões ligadas à oralidade, valorizam mais o escrito do que o oral, pelo menos na Biblioteconomia que envolve um número reduzido de pesquisadores interessados em investigá-la.

Almeja-se colocar em evidência a importância da oralidade para a área de CI e também áreas afins, e defende-se que o profissional da informação precisa ampliar sua relação com outras áreas do conhecimento.

2 ORALIDADE

Antes de discutir a temática oralidade, é necessário lembrar três ideias fundamentais a essa concepção: 1) oral refere-se à boca, ou seja, tudo que é transmitido pela boca; 2) expressão oral é a expressão por meio da fala e 3) tradição oral são os conhecimentos transmitidos de *boca ao ouvido*. Estas ideias foram extraídas a partir das leituras realizadas sobre a oralidade, mas principalmente a partir do texto de Dolz e Schneuwly (2010).

Para complementar este pensamento Schneuwly (2010, p.117) defende que “[...] o oral não existe; existem dois orais, atividades de linguagem realizadas oralmente, gêneros que se praticam essencialmente na oralidade. Ou, então, atividades de linguagem que combinam oral e escrita.” Atenta-se que neste projeto não se lidou com a concepção oposicionista entre o oral e o escrito, mas privilegiou-se o estudo do oral.

Estudar a oralidade significa constatar que a comunicação continua fortemente oral, isto é, a palavra oralizada faz parte do cotidiano pessoal e profissional e

[...] uma das características fundamentais da oralidade está ligada a seu caráter de exterioridade e de vivência coletiva. ‘Palavras ditas ao vento’ são inúteis, ensina a sabedoria popular, já que a voz que ressoa precisa ser ouvida para cumprir seu destino. Assim sendo, uma cultura marcada pela oralidade é também uma cultura que preza a experiência coletiva, enquanto que a escrita tende a criar uma situação de maior isolamento entre os indivíduos. (MEDEIROS, 2007, p.72).

Esta ideia não traz em si um desejo de sobreposição de uma cultura [letrada e oral] em detrimento da outra, mas a percepção da oralidade como forma de aglutinamento social e cultural. Se, por um instante, resolve-se rememorar cenas coletivas em que o indivíduo usa seu suporte vocal, ir-se-ia longe, mas pode-se instigar a memória ao lembrar: intervalos de aulas (em todos os níveis educacionais), entradas de cinema, teatro e shows, casamentos, festas e até velórios, ou seja, em ambiências que exista a reunião de pessoas. Isto acontece porque as manifestações coletivas formam uma cadeia de voz.

Não há que se ver oposição nas duas culturas, pois como afirma Zumthor (2001, p.54) “[...] a fixação pela e na escritura de uma tradição que foi oral não põe necessariamente fim a esta, nem a marginaliza de uma vez. [...] o fato de que uma tradição escrita passe ao registro oral não traz sua degradação nem a esteriliza.”

Destaca-se que, após Gutemberg, houve a substituição do uso massivo da oralidade pelo da escrita e que isso provocou alteração também na forma da comunicação da informação. Um exemplo disso é apresentado por Barreto no artigo *Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica*.

A esfera pública aparece funcionando politicamente na Inglaterra no final de século XVII. Conversações com a intenção de tornar público fatos e ideias aconteciam nos cafés e clubes [...]. Em 1711, aparece o jornal *Examiner* e, em 1785, o *Times*, também na Inglaterra. A opinião pública agrega à estrutura oral da presença física a estrutura textual da não presença. (BARRETO, 1998, p.123).

Isso, porém, não foi alterado totalmente. Na esfera científica, por exemplo, o periódico está presente na vida do pesquisador, mas os eventos continuam atraindo um número significativo de pessoas.

Adota-se neste trabalho um conceito amplo de oral e pode-se dizer que: oralidade é toda comunicação em que o indivíduo utiliza seu suporte vocal e corporal, sendo no exercício diário de uma profissão, como advogado, professor, jornalista, profissional da informação ou numa manifestação oral não planejada.

Zumthor (1997) expõe quatro elementos que são fundamentais que os bibliotecários saibam antes de realizar o ato mediativo oral, sendo eles: a concepção ampla de oralidade; a concepção aprofundada de vocalidade, pois esta vai além da emissão da voz (som saindo do corpo), com ela deve vir o desejo, a emoção; a compreensão da *performance*, que é um conjunto de corpo, voz, gesto, mediação e a movência da obra, isto é, um texto comunicado não é lido/ouvido da mesma maneira por todos os indivíduos, visto que a recepção depende do acervo de cada leitor.

Acredita-se que quanto mais se estuda o mundo da voz mais aumenta o interesse dos pesquisadores desta temática em fazer novas investigações. As múltiplas possibilidades da voz permitem a criação de uma ambiência que Bortolin (2010) denomina de *oralisfera* e representa a somatória da palavra *oralis*, que provém do latim *oris* = boca, que somados à palavra *sfera*, do grego *sphaira*, pode ser traduzida como: camada, espaço, envoltório ou ambiente. Esta proposta foi inspirada na palavra *atmosfera*, pois se pretendeu destacar a existência de uma atmosfera envolvendo o ato da oralidade. Oralidade seja no ato da mediação da informação ou da literatura, realizada num equipamento informacional ou fora dele, em momentos de aprendizagem, de apropriação da informação e dos textos literários e no relato da memória institucional etc.

3 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA LITERATURA

Nesta pesquisa tem-se como base fundamental o conceito de mediação da informação proposto em 2008 por Almeida Júnior e que foi reformulado recentemente. Segundo o autor ela é:

Toda ação de interferência – **realizada em um processo**, por um profissional da informação e **na ambiência de equipamentos informacionais** -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e **de maneira momentânea**, uma necessidade informacional, **gerando conflitos e novas necessidades informacionais**. (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p.25, grifo nosso).

Ao fazer a comparação entre o primeiro conceito de mediação³ apresentado pelo referido autor e, este conceito reformulado, destaca-se que incluiu: “realizada em um processo”, “na ambiência de equipamentos informacionais”, “de maneira momentânea”, “gerando conflitos e novas necessidades informacionais”. A explicação para as mudanças é que o autor, após revisitar as suas ideias avalia que “por um profissional” não aglutina os demais profissionais que lidam com a informação; na ambiência de equipamentos informacionais, a palavra ambiência tem um significado amplo, pois segundo os arquitetos a “[...] ambiência é um meio físico, mas, ao mesmo tempo, estético e psicológico planejado para interações humanas.” (BELINTANE, 2002, p.185). Quanto à satisfação de maneira momentânea: sua inclusão no conceito deve-se ao entendimento do autor de que as necessidades informacionais são sempre satisfeitas de maneira momentânea, uma vez que a

³ Mediação da informação é “toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.”

informação gera novas inquietações, dúvidas e inúmeras outras necessidades informacionais. Não há satisfação plena e total de uma necessidade informacional no âmbito dos equipamentos informacionais. Dessa concepção surge a ideia da informação gerando conflitos. Ela, informação, não dirime dúvidas ou cobre lacunas cognitivas, ao contrário, é a informação que gera dúvidas, trazendo conflitos ao conhecimento individual que, aparentemente, se apresenta como estável, organizado, solidificado.

Defende-se a necessidade do aprofundamento das pesquisas em relação a mediação da informação e da literatura por parte dos bibliotecários, pois para desenvolver e apoiar pesquisas, atuar como gestor de redes de informação e lidar com diferentes tecnologias, é preciso, antes, possuir uma estreita relação com a leitura em suas múltiplas linguagens e diversificados suportes, aqui se inclui a leitura oral e o suporte vocal. Isso potencialmente se concretiza em ações como: na entrevista de referência, na promoção dos acervos, na capacitação para o uso de fontes diversificadas, nas orientações quanto a pesquisa e a normalização de trabalhos, na realização de dinâmicas socioculturais etc.

Ao abordar a mediação da literatura foi possível vislumbrar diferentes tipos de representação literária, isto é, manifestações impressas, gráficas, sonoras entre outras. Ela, mediação da literatura, ultrapassa os limites das fronteiras do escrito e deve ser incluída nas práticas e nos processos informacionais do profissional da informação em todos os gêneros de equipamentos, em especial, as bibliotecas.

A mediação da literatura é uma possibilidade de atuação do bibliotecário e defende-se isso por acreditar que o acesso aos textos literários tem uma importância social incalculável ao indivíduo. Uma das fontes estimulante para persistir em investigações a respeito da mediação da literatura é o escritor, crítico literário, sociólogo e professor Antonio Candido que defende:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável desse universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, caso, história em

quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura corrida de um romance. (VÁRIOS... 1995, p.242).

Deste discurso podem-se extrair algumas reflexões norteadoras dessa investigação, isto é, o que é literatura e o que ela significa na vida do leitor. Para que serve a literatura ou se no uso da literatura a intenção utilitarista, com pretexto estabelecido pelo mediador, é um desserviço na biblioteca escolar.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em virtude da Lei nº. 12.244 que “Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no País.” (BRASIL, 2010), idealizou-se a presente a pesquisa que se caracterizou como exploratória em relação aos objetivos, qualitativa em relação a abordagem do problema e quanto aos procedimentos técnicos, apresenta-se como uma pesquisa colaborativa. A escolha por esta metodologia foi influenciada pelo discurso de Desgagné (2007) quando defende que ela precisa obrigatoriamente da colaboração dos professores em exercício no processo de investigação de um objeto de pesquisa.

Apropriando-se deste pensamento, estabeleceu-se esta relação entre pesquisadores membros do referido Projeto e os *bibliotecários em exercício*, especificamente atuando em bibliotecas escolares. As práticas e os processos informacionais dos bibliotecários sempre estiveram presentes nas discussões do grupo Interfaces, o que levou a escolha desta metodologia.

Outro fator que impulsionou o Grupo a escolher esta metodologia, foi o fato de que ela foi e tem sido utilizada com sucesso por outros pesquisadores, como Perrotti e Pieruccini (2007, p.65). Segundo estes autores

[...] estamos sistematizando, como *pesquisa colaborativa*, direção que conceberá o conhecimento científico resultante de ação cooperativa, pautada pela negociação de signos entre iguais e diferentes, por meio de interações entre pesquisadores de variadas áreas e destes com especialistas e profissionais de diversos campos de atuação e funções.

A colaboração dos bibliotecários em exercício se deu na coleta de dados a partir da realização de duas rodadas de *grupo focal*, método este que é similar às entrevistas de grupo, às discussões em grupo ou às narrativas conjuntas (FLICK, 2009). Ele se contrapõe, por exemplo, às entrevistas estruturadas e semiestruturada porque ao ampliar “[...] o escopo da coleta de dados, tenta-se coletar os dados dentro do contexto e criar uma situação de interação

mais próxima da vida cotidiana do que permite o encontro (normalmente, único) do entrevistador com o entrevistado ou narrador.” (FLICK, 2009, p.180).

Elaborou-se um roteiro previamente com os seguintes tópicos: relacionamento do bibliotecário com a instituição, alunos, família e outros bibliotecários; tratamento temático do acervo; projeto de leitura e espaço físico da biblioteca escolar; mas conforme as rodadas foram acontecendo o roteiro pôde ser alterado de acordo com o discurso dos participantes.

Para o andamento satisfatório valeu-se das recomendações de Flick (2009, p.188): “Os moderadores precisam criar um clima liberal, facilitando para que os membros contribuam abertamente com suas experiências e opiniões.”

A população alvo do estudo foram os bibliotecários de bibliotecas escolares do ensino fundamental e médio da cidade de Londrina/PR. Do total, na época, de 17 bibliotecários, contou-se com a colaboração de cinco em ambas as rodadas de *grupo focal*. Privilegiaram-se os relatos orais dos colaboradores para manter a espontaneidade e originalidade das respostas. Os dados foram extraídos a partir da filmagem e gravação, sob a autorização dos participantes, e transcritos posteriormente. A reunião desses dados contribuiu também com o resgate e a preservação da memória pessoal e institucional das escolas que colaboraram com esta investigação.

Como técnica de análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2007, p.33) refere-se a “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.”, a autora defende que a análise de conteúdo fundamenta-se em codificar e categorizar um segmento do texto para entender o seu sentido.

Nesse sentido, a presente pesquisa centrou-se na técnica de Análise Categorical que implica em desmembramento do discurso em categorias. Assim, foram delimitadas as seguintes categorias de análise: a) Práticas do bibliotecário escolar, b) Relacionamento interno e externo e c) Espaço físico da biblioteca. Após a delimitação destas categorias, estabeleceu-se também três subcategorias a cada uma delas, analisadas a seguir.

Sabendo-se que a técnica utiliza procedimentos sistemáticos é imprescindível que haja uma categorização dos dados, para que se possa aferir mais facilmente a denotação das informações. É fundamental que o pesquisador tenha capacidade de identificar as características do seu objeto e dividi-lo em categorias, essa categorização contribui para melhor compreender o objeto estudado.

Desse modo, cada categoria foi sistematizada de acordo com a incidência da presença (P+) ou ausência (A-) de elementos constituintes a partir dos discursos, relacionados às

categorias, utilizando-se trechos das falas dos entrevistados como unidade de registro (UR), ou seja, a prova do elemento abordado. Destaca-se que a UR pode ser delimitada pelo pesquisador, para este trabalho optou-se por utilizar como unidade de registro o discurso do sujeito pesquisado. A seguir apresenta-se a análise dos dados a partir de quadros.

4.1 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O quadro a seguir apresenta o discurso dos bibliotecários escolares, de acordo com a proximidade com as categorias a partir das respostas. Neste quadro analisou-se a categoria geral “Práticas do bibliotecário escolar” e como subcategorias: a) Projeto de leitura, b) Mediação ética do profissional e c) Tratamento temático.

Quadro 1 – Categoria: Práticas do bibliotecário escolar

		P+/ A-	UR (prova)
SUBCATEGORIAS	A)	P +	<p>“A gente trabalha muito com projetos de ações rápidas e objetivas, lúdicas, em que a gente tem a intenção de trazer [...] adolescentes para a biblioteca... Lá a gente tem um trabalho muito legal [...] incentiva o hábito da leitura não apenas de texto, mas de mundo, através de cinema, teatro, expressão corporal entre outras artes.”</p> <p>“[A biblioteca] cede espaço para mediação, mas não faz. Há no Colégio a prova do livro na disciplina de Português que é bimestral. O livro é comprado pela Escola e a leitura é obrigatória. Os alunos mais novos a professora libera [dessa exigência].”</p>
	B)	P +	<p>“Há problema de determinado tema, inclusive há livros guardados/escondidos na biblioteca por solicitação da Coordenação e outro por exigência de um pai.”</p> <p>“Uma única coisa, que não é uma restrição, mas uma orientação que eu faço, por exemplo, uma criança de 8 anos pegou um livro sobre pedofilia ... Ele perguntou: ‘posso pegar?’ Eu falei você pode, mas não acha melhor ler no intervalo, porque é um livro técnico, um livro mais para professor. Lê um pouquinho se você gostar você leva.”</p>
	C)	P +	<p>“Então eu faço a parte das palavras-chave, título, ou dou uma lida na nota atrás. Aí eu posso buscar por autor, palavra-chave, título. Aí para eu achar o livro na estante, na parte dos pequenos eu separei tudo por Educação Infantil, 2º ano, 3º ano, 4º ano, 5º ano... Dentro dessa separação, reuni por coleção ou aquelas que não têm coleção eu coloquei em ordem alfabética de sobrenome de autor. Não existe uma coisa rígida!”</p> <p>“Eu tento colocar tudo, várias palavras, quanto mais assunto mais fácil a</p>

			recuperação.” “Colocamos o número de assunto e mais as três primeiras letras do sobrenome do autor, porque você não vai poder falar para o Pré, que o assunto tal é número tal. [Nas estantes] a gente coloca em ordem do assunto que trata aquele livro.” “Por assunto e no caso do Fundamental I a classificação é por cor, mas é flexível se o aluno quiser levar um livro classificado em outra cor.”
--	--	--	---

Fonte: Dados extraídos da pesquisa.

Infere-se que em relação às práticas dos bibliotecários escolares, as que recebem destaque ou que estão mais presentes no discurso desses profissionais, referem-se prioritariamente a projetos de leitura, mediação e ao tratamento temático. Quanto ao projeto de leitura constata-se a preocupação em atrair adolescentes para a biblioteca, a partir de atividades rápidas e lúdicas, trabalhando com diversas possibilidades de texto e em múltiplas linguagens.

Percebe-se também que em alguns casos a leitura é realizada como atividade obrigatória e com caráter avaliativo, sendo vinculada a uma disciplina, a partir de um livro que é comprado e indicado pela própria escola. Em relação a projetos de leitura na BE, Perrotti em 1994 propôs a implantação de uma “biblioteca-laboratório” na Creche Oeste de um dos campi da USP. O projeto trabalhou com a “Oficina de Informação” e segundo o autor “[...] discute-se nesses momentos os usos do livro em situações familiares, comenta-se, orienta-se, colhem-se dados essenciais à estruturação e ao funcionamento do serviço.” (PERROTTI, 1999).

Esta experiência é um diferencial do que comumente se encontra nos textos e nas práticas de leitura na escola que tem o foco na avaliação, isto é, no rendimento escolar. No entanto, “[...] o educador tem diversos outros jeitos de avaliar [...] seus alunos. Não precisa, não pode e não deve usar o livro como pretexto.” (ZOTZ; CAGNETI, 2005, p.32).

A restrição de materiais, a pedido tanto da coordenação quanto dos pais dos alunos contradiz a mediação pautada na ética. Em casos de empréstimo de livros que contém assuntos “polêmicos” ou que requer maior experiência/conhecimento, o bibliotecário precisa negociar com o aluno e profissionais da escola.

Em relação ao tratamento temático, constata-se que há uma flexibilidade do bibliotecário - sujeito da pesquisa - e percepção de que talvez a prática tradicional de classificação não seja a melhor alternativa para descrever o acervo; mesmo não sendo consenso, na academia, separar os livros de acordo com a faixa etária ou nível escolar, o

profissional optou por assim fazer, possivelmente por ser mais prático e fácil para ele e seu público.

Outro respondente afirma fazer o tratamento temático por cores. Sobre esta técnica Andrade *et al.* (2013) discorrem que o arranjo a partir da classificação utilizando cores, possibilita a organização e o uso do acervo de maneira prática, sem obrigatoriamente precisar de um profissional para localizar uma obra, visto que na BE os usuários, em geral, recorrem a ela em grupos e ao mesmo tempo.

No quadro 2, apresenta-se a análise da categoria “Relacionamento interno e externo” e das subcategorias: a) Interação com a equipe da escola, b) Interação com os alunos e c) Interação com familiares.

Quadro 2 – Categoria: Relacionamento interno e externo

		P+/ A-	UR (prova)
SUBCATEGORIAS	A)	P +	<p>“A gente tem uma equipe muito legal, a gente trabalha com uma equipe multidisciplinar.”</p> <p>“Quando você entra lá você já é condicionado a trabalhar com todo mundo. Então todo mundo consegue dar uma parcela do seu conhecimento para que tudo funcione.”</p> <p>“Não faz parte de reuniões pedagógicas. (quando é convidado é para assuntos administrativos, portanto não tem influência pedagógica na escola).”</p>
	B)	P +	<p>“Quando estou atendendo um aluno eu pergunto para o outro: tem algum assunto que você queira? Você conseguiu aquela pesquisa? Deu certo? Não deu? Por quê?”</p> <p>“Em relação ao namoro, sempre tem uns escondidinhos... e eu falo que não pode.”</p> <p>“Quando o adolescente entra na biblioteca a gente tem que ter um plano, uma ação. É um trabalho meio individualizado, mas é bem legal. A gente tem resultados [...] a gente percebe uma movimentação bem legal, a gente está conseguindo, não sei se é despertar ou instigar, fazer com que eles fiquem curiosos por aquele espaço.”</p> <p>“Psicologia [liberdade] assistida, isto é, se conversa bastante com os adolescentes, saber o que eles fazem no final de semana. Estar atento a atender as necessidades de leitura dos alunos.”</p>
	C)	P +	<p>“Tem muitos pais que estão frequentando a biblioteca, é bom, mas é complicado, pois cada um tem um jeito. Na época de matrícula a biblioteca tem visitação diária.”</p>

			<p>“Nosso sistema, o pai em casa pode entrar no site da biblioteca, fazer a reserva do material e a gente já separa o material.”</p> <p>“Trabalha no sentido de conscientizar os pais de repor livros da mesma qualidade que o filho perdeu.”</p>
--	--	--	---

Fonte: Dados extraídos da pesquisa.

Foi possível compreender a respeito da subcategoria “interação com a equipe da escola” que, embora o relacionamento com a equipe da escola seja amigável e colaborativo, o bibliotecário ainda não participa das reuniões pedagógicas na escola. Sobre tal aspecto, Bicheri e Almeida Júnior (2013, p.44) afirmam que uma das atividades do bibliotecário que favoreceria o processo de ensino-aprendizagem seria “[...] participar do projeto pedagógico atuando junto a professores, alunos, funcionários e familiares de alunos, num trabalho de cooperação e participação, de forma a tornar a biblioteca escolar um espaço dinâmico na escola [...]”. Nesse sentido, é possível compreender que a atuação do bibliotecário escolar deve transcender às suas práticas usuais, uma vez que ele também exerce o papel de educador, pois capacita a “[...] comunidade escolar na utilização correta das fontes de informação, dando um embasamento para que o educando saiba usufruir esses conhecimentos, também fora do ambiente escolar.” (CORRÊA et al., 2002, p.121).

No que diz respeito à subcategoria “interação com os alunos” foi possível compreender que existe uma preocupação em relação à atenção voltada aos usuários da biblioteca escolar, não somente no uso dos serviços informacionais, mas também no bem estar e motivação do usuário no contexto de suas ações no âmbito da biblioteca, de modo a promover “[...] o prazer da leitura e da aprendizagem”, como argumenta Bicheri (2008, p.23). Ao mesmo tempo, Silva e Siqueira (2014, p.41) destacam que “O público alvo da biblioteca escolar é um público especial. [...] Inicialmente, crianças, adolescentes e jovens, todos em processo de formação, física, espiritual e culturalmente – o que exige maior atenção e assistência do que o público adulto.”

Assim, é importante que o bibliotecário escolar tenha uma postura de acolhimento e reconhecimento macro das reais necessidades dos seus usuários, levando em consideração o contexto com o qual esse usuário estabelece relação.

Sobre a subcategoria, “interação com familiares”, cabe destacar que, embora a presença dos pais seja necessária em alguns momentos - principalmente em relação às práticas voltadas ao incentivo da leitura – ainda é de difícil administração por parte dos bibliotecários devido à complexidade dos comportamentos. Entretanto, é necessário que o bibliotecário promova ações que viabilizem um maior contato dos pais com a biblioteca escolar, de forma

que ela efetivamente seja um espaço de convivência e aprendizagem do aluno e de sua família. Outro ponto interessante, é que alguns pais têm acesso ao sistema da biblioteca, o que os aproxima do contexto de leitura de seus filhos. Moro e Estabel (2011, p.68) expressam que “[...] o acesso ao livro e à leitura deveria ser estimulado na família, na escola e na biblioteca em todos os ciclos do desenvolvimento humano, propiciando o acesso universalizado para todos e propondo ações de inclusão digital, social e informacional, por meio da leitura e do acesso à informação.”

No quadro 3 analisou-se a categoria geral “Espaço físico da biblioteca”, e as subcategorias: a) Acervo, b) Mobiliário e c) Suportes de TIC e Audiovisual.

Quadro 3 - Categoria: Espaço físico da biblioteca

		P+ / A-	UR (prova)
SUBCATEGORIAS	A)	P +	“O acervo cresce e a gente tem mais de 18.000 livros lá.”
	B)	P +	“Ela tem um espaço só e é pequeno, tem um canto lá para os ‘pequenos’ e duas mesas para estudar.” “A gente tem o espaço das estantes, tem as mesas.”
	C)	P +	“Eu tenho sete computadores.” “Espaço para projeções de [filmes].”

Fonte: Dados extraídos da pesquisa.

Pensar o espaço de uma biblioteca não é tarefa fácil, pois são vários os elementos necessários para o conforto físico e visual dos usuários, entre eles: a iluminação, a ventilação, o controle de temperatura, a acústica e a umidade. Além disso, para que o ambiente da biblioteca seja funcional é preciso fazer o planejamento da disposição dos móveis e equipamentos existentes de forma a propiciar melhores condições de circulação e segurança dos educandos.

Outro aspecto é o mobiliário que deve ser apropriado ao tamanho e necessidades do público. As estantes com prateleiras inacessíveis são um exemplo muito frequente nas bibliotecas escolares, pois, tendo elas, em geral, um espaço pequeno, seus administradores optam por estantes altas.

A decoração interior de uma biblioteca escolar nem sempre é de bom gosto, além disso, algumas ilustrações utilizadas nela não possibilitam a construção de identidade, por exemplo, da criança brasileira. Ainda é muito comum a presença dos personagens do Walt Disney ou de outros componentes que até podem ser conhecidos pela força da mídia, mas que não retratam nossa realidade.

O mesmo ocorre com os ícones incluídos na comunicação visual (do espaço e das peças publicitárias) cujo objetivo é o de propiciar maior facilidade e autonomia no uso da biblioteca, mas têm em geral linguagens que desrespeitam a inteligência do leitor, são carregadas de formalidade ou de termos antiquados; portanto não aproximam, mas distanciam o usuário da biblioteca.

Ainda abordando o espaço físico, vale lembrar que a manutenção do prédio (pinturas e consertos), do mobiliário (limpeza e reformas), dos equipamentos (limpeza e ajustes), dos materiais (reposição) deve acontecer periodicamente, para que a biblioteca escolar esteja sempre pronta para suas atividades socioeducativas e culturais.

Enfim, a proposta dessas reflexões não é transformar a biblioteca escolar em um *shopping center*, mas algumas vitrines, painéis interativos, murais digitais poderiam fazer parte do cotidiano desse gênero de biblioteca.

5 CONCLUSÕES

As vozes e discursos expressos neste trabalho são provocativos e questionadores, longe se ser fechados e conclusivos. Destacou-se a oralidade, mediação da informação e da literatura na escola. A oralidade ou o discurso oral tem ganhado destaque nas investigações e preocupações da Ciência da Informação há pouco tempo, já a mediação da informação está presente de forma mais marcante na literatura da área e, junto a ela, a mediação da literatura começa a ganhar espaço no âmbito científico.

As proposições aqui apresentadas tiveram o intuito de estabelecer uma aproximação com os pesquisadores e profissionais que estão preocupados com a biblioteca escolar e com todas as comunicações orais que nela ocorre. O trabalho elucida que a mediação, seja da informação ou da literatura, utilizando os recursos da voz de força presencial ou a distância, tem demonstrado uma forma *sedutora* e capaz de estreitar as relações entre estudante-bibliotecário, estudante-estudante e demais membros da comunidade escolar.

O discurso dos bibliotecários escolares foi analisado a partir da Análise de Conteúdo, com enfoque na técnica de Análise Categórica, enfatizando as ocorrências presentes na fala

dos participantes e utilizando-as como unidade de registro. A pesquisa aponta que os bibliotecários escolares, em especial os que atuam no Ensino Fundamental, utilizam as conversas *ao pé do ouvido*, isto é, o discurso oral, tanto com as crianças quanto com os adolescentes, como elemento para o aprendizado e para a construção de conhecimento.

Ao analisar e categorizar o discurso dos sujeitos em relação às temáticas propostas no *grupo focal* constatou-se que entre às práticas biblioteconômicas existe a preocupação com a mediação da literatura, no entanto, em alguns casos reconhece-se uma restrição ou até mesmo uma mediação negativa quanto ao empréstimo de determinadas obras. Foi possível inferir que quando se refere ao tratamento temático do acervo, os bibliotecários buscam formas personalizadas de organização para facilitar a localização dos itens pelos alunos e, conseqüentemente, do empréstimo. Quanto ao relacionamento interno e externo, observou-se que os bibliotecários possuem pouco ou nulo envolvimento com a equipe pedagógica da escola, mas que procuram se relacionar bem com os alunos e com os pais deles. Em relação ao espaço físico das bibliotecas, pouco foi discursado entre os participantes, o que não permitiu uma análise mais aprofundada. No entanto, percebeu-se que o espaço é adequado e dispõe de mobiliário necessário para as práticas orais e mediacionais.

A pesquisa conclui que os bibliotecários escolares *em exercício* das escolas particulares da cidade de Londrina/PR, medeiam a informação e a literatura a partir da oralidade ainda de uma maneira tímida e receosa. Reconhece-se, que seja fundamental que estes profissionais interajam mais com a escola e, principalmente, com a equipe pedagógica, participando ativamente das reuniões e nas decisões que resultam no projeto político pedagógico da escola.

A conclusão deste trabalho atinge, portanto, um objetivo em especial: o de compartilhar e divulgar aos leitores o cenário atual sobre as temáticas oralidade, mediação da informação e da literatura, principalmente em relação aos bibliotecários escolares *em exercício*, contribuindo para a constituição do corpus teórico na Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

ANDRADE, Lucas Veras de *et al.* O livro entre as cores e a conscientização de professores para o uso da biblioteca escolar. **Bibl. Esc. em Rev.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 69-88, 2013.

Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/viewFile/195/pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007. 223p.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 2, 122-127, maio/ago. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/barreto.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

BELINTANE, Claudemir. Por uma ambiência de formação contínua de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 177-193, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15557.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação**. 2008. 197f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bicheri_alao_me_mar.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2015.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Bibl. Esc. em Rev.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013. Disponível: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/viewFile/257/pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 232f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Estadual Paulista – UNESP. Marília, 2010. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_do_mar.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2013.

BRASIL. Lei 12.244/10 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em: 20 jun. 2015.

CORREA, Elisa Cristina Delfini et al. Bibliotecário escolar: um educador? **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.7, n.1, p.107-123, 2002. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/458>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a idéia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://ufrn.emnuvens.com.br/educacaoemquestao/article/view/4443/3629>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010. (Coleção As faces da linguística aplicada, 6).

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MEDEIROS, Vera Lúcia Cardoso. Quando a voz ressoa na letra: conceitos de oralidade e formação do professor de literatura. **Organon**, Porto Alegre, n. 42, p. 69-84, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/36161/23364>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. A mediação da leitura na família, na escola e na biblioteca através das tecnologias de informação e de comunicação e a inclusão social das pessoas com necessidades especiais. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v. 4 n. 2, p.67-81, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/178/194>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

PERROTTI, Edmir. Leitores, ledores e outros afins (apontamentos sobre a formação ao leitor). In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. (Não paginado).

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SILVA, José Fernando Modesto da; SIQUEIRA, Ivan. Biblioteca escolar como uma questão de Direitos Humanos. **Bibl. Esc. em R.**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 38-50, 2014. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/viewFile/326/pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

VÁRIOS ESCRITOS. Direito humanos e literatura. 3ed. rev. e ampl. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

ZOTZ, Werner; CAGNETI, Sueli. **Livro que te quero livre**. 3ed. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.